

Samantha Young  
**Não te conto o meu segredo**

*On Dublin Street*

Traduzido do inglês por  
Elsa T. S. Vieira



## CAPÍTULO 1

*Escócia*

*Oito anos depois*

Estava um belo dia para encontrar uma casa nova. E uma nova companheira de casa.

Saí das escadas velhas e húmidas do meu prédio de estilo georgiano para um dia extraordinariamente quente em Edimburgo. Olhei para os calções de ganga às riscas brancas e verdes que comprara algumas semanas antes, na Topshop. Desde então, não parara de chover e eu já quase perdera a esperança de os poder usar algum dia. Hoje, contudo, o sol brilhava por cima da torre de canto da Igreja Evangélica de Bruntsfield, evaporando a minha melancolia e devolvendo-me alguma esperança. Para alguém que tinha abandonado toda a sua vida nos EUA e partido para a terra dos seus antepassados aos dezoito anos de idade, eu não me dava muito bem com mudanças. Pelo menos, já não. Habituara-me ao meu grande apartamento, com o seu eterno problema de ratos. Tinha saudades da minha melhor amiga, Rhian, com quem vivera desde o primeiro ano na Universidade de Edimburgo. Tínhamo-nos conhecido na residência universitária e dado logo bem. Éramos ambas pessoas muito reservadas e sentíamo-nos à vontade uma com a outra pelo simples

facto de que nenhuma pressionava a outra a falar sobre o passado. Mantivemo-nos bastante próximas durante o primeiro ano e decidimos arranjar um apartamento (ou «andar», como Rhian dizia) no segundo ano. Agora que acabáramos o curso, Rhian partira para Londres, para começar o doutoramento, e eu ficara sem companheira. A cereja no topo do bolo fora a perda do meu outro amigo chegado, James, o namorado de Rhian. Ele fora para Londres (um sítio que detestava, posso acrescentar) para estar com ela. E, para cúmulo, o meu senhorio ia divorciar-se e precisava do apartamento.

Eu passara as últimas duas semanas a responder a anúncios de jovens que procuravam uma companheira para dividir a casa. Até agora, sem sorte. Uma das raparigas não queria dividir casa com uma americana. Imaginem a minha cara de *mas que raio?...* Três dos apartamentos eram simplesmente... maus. Estou bastante certa de que uma das raparigas era traficante de *crack*, e o apartamento da última parecia ter mais uso do que um bordel. Eu estava a torcer para que o meu encontro de hoje com Ellie Carmichael corresse melhor. Era o apartamento mais caro de todos os que vira até agora, e ficava do outro lado do centro da cidade.

Eu era poupada em relação à minha herança, como se gastar o mínimo possível pudesse, de alguma forma, diminuir a amargura da minha «boa sorte». Porém, estava a ficar desesperada.

Se queria ser escritora, precisava do apartamento certo e da companheira de casa certa.

Viver sozinha também era uma opção, claro. Tinha dinheiro para isso. No entanto, a verdade era que não me agradava a ideia da solidão completa. Apesar da minha tendência para guardar oitenta por cento de mim própria para mim, gostava de estar rodeada por pessoas. Quando me falavam sobre coisas que eu

não compreendia pessoalmente, isso permitia-me ver as coisas do seu ponto de vista, e eu acreditava que os melhores escritores precisavam de um raio de perspectiva mais amplo. Apesar de não ter necessidade do dinheiro, trabalhava num bar em George Street às quintas e sextas-feiras à noite. O velho lugar-comum era verdadeiro: os empregados de bar ouvem as melhores histórias.

Era amiga de dois dos meus colegas, Jo e Craig, mas só nos víamos realmente quando estávamos a trabalhar. Se queria ter alguma vida à minha volta, precisava de uma companheira de casa. Pelo lado positivo, este apartamento ficava a poucas ruas do meu emprego.

Enquanto tentava controlar a ansiedade de encontrar uma casa nova, procurei um táxi com a luz acesa. Olhei para a geladaria e, enquanto desejava ter tempo para uma extravagância, quase perdi o táxi que vinha em direção em mim do outro lado da rua. Estiquei o braço, olhei para um lado e para o outro antes de atravessar e fiquei contente ao perceber que o taxista me vira e parara junto ao passeio. Atravessei a correr, tentando não ficar esmagada como um inseto verde e branco no para-brisas de um desgraçado qualquer, e corri para o táxi concentrada unicamente em agarrar na maçaneta da porta.

Em vez disso, agarrei numa mão.

Espantada, segui a mão masculina bronzada ao longo de um braço comprido, até uns ombros largos e um rosto oculto pelo sol que brilhava por trás da cabeça dele. Alto, mais de um metro e oitenta, o homem agigantava-se sobre mim. Eu media apenas um metro e sessenta e cinco.

Reparei no fato caro e perguntei a mim própria por que raio é que este tipo tinha a mão na porta do meu táxi.

Um suspiro escapou do rosto oculto em sombras.

— Para que lado vai? — perguntou ele com uma voz grave e rouca. Há quatro anos que eu vivia aqui, e um sotaque escocês ainda me lançava um arpejo na espinha. E o dele sem dúvida que o fazia, apesar da pergunta brusca.

— Dublin Street — respondi automaticamente, e esperei que a minha viagem fosse mais longa para ele me ceder o táxi.

— Ótimo. — Ele abriu a porta. — Também vou nessa direção e, uma vez que já estou atrasado, posso sugerir que partilhemos o táxi em vez de perdermos dez minutos a decidir quem precisa mais dele?

Uma mão quente tocou-me ao fundo das costas e empurrou-me gentilmente para a frente. Aturdida, deixei-me conduzir para dentro do carro, cheguei-me para o outro lado e pus o cinto enquanto tentava recordar se por acaso fizera que sim com a cabeça sem dar por isso. Não me parecia.

Ouvi o Engravatado dizer Dublin Street ao taxista, franzi a testa e murmurei:

— Obrigada. Acho eu.

— É americana?

Ao ouvir a pergunta, olhei finalmente para o passageiro ao meu lado. *Oh, está bem.*

*Uau.*

O Engravatado teria talvez vinte e muitos ou trinta e poucos anos e não era de uma beleza clássica, mas havia um brilho nos seus olhos e uma curva no canto da boca sensual que, juntamente com o resto, transbordava *sex appeal*. Percebi pelas linhas do fato cinzento-prateado, caro e de muito bom corte, que ele fazia exercício. Tinha a postura de um homem em grande forma, com a barriga lisa como uma tábua por baixo do colete e da camisa branca. Os olhos azuis-claros pareciam divertidos sob as longas

pestanas e, pela minha saúde, eu não conseguia perceber como é que ele tinha cabelo escuro.

Eu preferia loiros. Sempre tinha preferido.

No entanto, nenhum deles alguma vez me tinha feito sentir um arrepio de desejo no ventre à primeira vista. Um rosto forte e masculino olhou para mim — maxilar definido, uma covinha no queixo, maçãs do rosto altas e um nariz romano. A sombra da barba escurecia-lhe as faces e tinha o cabelo um pouco revoltado. No conjunto, o ar desalinhado e rude parecia em contradição com o elegante fato de estilista.

O Engravatado ergueu uma sobrancelha perante a minha observação descarada e a luxúria que eu sentia quadruplicou, apanhando-me completamente desprevenida. Eu nunca sentira uma atração instantânea por homens. E, desde os meus anos loucos de adolescente, nem sequer me passaria pela cabeça aceitar um convite sexual de homem nenhum.

*No entanto, não sei se conseguiria recusar um convite deste.*

Assim que o pensamento me passou pela cabeça fiquei tensa, surpreendida e enervada. Subi de imediato as defesas e coloquei no rosto uma expressão desinteressada.

— Sim, sou americana — respondi, recordando finalmente que o Engravatado me fizera uma pergunta. Desviei os olhos do seu sorriso entendido, fingi-me enfadada e agradei aos céus por a minha pele morena não deixar ver o quanto estava a corar por dentro.

— De visita? — murmurou ele.

Irritada como estava pela minha reação ao Engravatado, decidi que, quanto menos conversa entre nós, melhor. Quem sabia que idiotice eu podia dizer ou fazer a seguir?

— Não.

— Nesse caso, é estudante.

O tom de voz dele ofendeu-me. *Nesse caso, é estudante.* Dissera-o com um revirar de olhos metafórico. Como se os estudantes fossem uns vadios reles, sem qualquer finalidade real na vida. Virei abruptamente a cabeça para lhe dar uma descompostura mordaz e apanhei-o a olhar para as minhas pernas com ar interessado. Desta vez, ergui as sobrancelhas e esperei que ele descolasse os maravilhosos olhos azuis da minha pele exposta. Ao sentir o meu olhar, o Engravatado olhou para a minha cara e reparou na minha expressão. Fiquei à espera que ele fingisse que não me estivera a comer com os olhos, ou desviasse rapidamente o rosto, ou qualquer coisa. Não esperava que ele encolhesse os ombros e depois me oferecesse o sorriso mais indolente, malicioso e *sexy* que eu alguma vez vira.

Revirei os olhos, lutando contra a vaga de calor entre as minhas pernas.

— *Era* estudante — respondi, em tom seco. — Agora vivo aqui. Dupla nacionalidade. — Por que raio lhe estava a dar explicações?

— Tem sangue escocês?

Acenei quase impercetivelmente, adorando secretamente a forma como ele pronunciava «escocês».

— O que faz, agora que acabou os estudos?

Por que diabo queria ele saber? Lancei-lhe um olhar pelo canto do olho. O preço daquele fato de três peças teria sido suficiente para nos sustentar, a mim e a Rhian, durante os quatro anos de universidade, com a comida de estudante reles que costumávamos comer.

— O que faz você? Quando não está a enfiar mulheres à força em táxis, quero dizer.

Um leve sorriso foi a única reação à minha alfinetada.

— O que acha que eu faço?

— Vou dizer advogado. Responde a perguntas com perguntas, pressiona, o sorrisinho afetado...

Ele soltou uma gargalhada vibrante e profunda que me ecoou no peito. Os seus olhos cintilaram.

— Não sou advogado. Mas você podia ser. Parece que me recorde de uma pergunta respondida com outra pergunta. E isso... — Apontou para a minha boca e os seus olhos escureceram um pouco enquanto acariciavam visualmente a curva dos meus lábios. — ...é decididamente um sorrisinho afetado. — A sua voz tornara-se mais rouca.

A minha pulsação disparou quando os nossos olhos se encontraram e o contacto visual se prolongou durante muito mais tempo do que seria apropriado entre dois desconhecidos bem-educados. Senti as faces quentes... bem como outros locais. Estava a ficar cada vez mais excitada, por ele e pela conversa silenciosa entre os nossos corpos. Quando os meus mamilos se arrebitaram por baixo da *t-shirt*, o choque foi suficiente para me trazer de volta à realidade. Desviei os olhos dos dele e olhei pela janela para o trânsito, enquanto rezava para que esta viagem de táxi acabasse depressa, ontem de preferência.

À medida que nos aproximávamos de Princes Street, e de outro desvio causado pelo projeto do carro elétrico que a câmara tinha em curso, comecei a pensar que conseguiria escapar do táxi sem ter de voltar a falar com ele.

— É tímida? — perguntou o Engravatado, deitando por terra as minhas esperanças.

Não consegui evitar. A pergunta fez-me virar para ele com um sorriso confuso.

— Desculpe?

Ele inclinou a cabeça e observou-me com os olhos semicerrados. Parecia um tigre indolente, a mirar-me cuidadosamente como se estivesse a tentar decidir se eu era uma refeição que valia a pena perseguir. Estremeci e ele repetiu:

— É tímida?

Seria tímida? Não. Tímida, não. Normalmente, apenas ditosamente indiferente. Gostava de ser assim. Era mais seguro.

— O que o faz pensar isso? — Não estava a emitir vibrações de timidez, pois não? Fiz uma careta ao pensar nisso.

O Engravatado encolheu os ombros.

— A maioria das mulheres aproveitariam o facto de eu estar preso num táxi com elas para falar até me doerem os ouvidos, insistiriam em dar-me o seu número de telefone... entre outras coisas. — Os seus olhos baixaram rapidamente para o meu peito antes de regressarem ao meu rosto. Senti o sangue quente afluir-me à cara. Não me lembrava da última vez que alguém conseguira deixar-me embaraçada. Pouco habituada a sentir-me intimidada, tentei ignorar a sensação.

Espantada com o excesso de confiança dele, sorri-lhe, surpreendida pelo prazer que me percorreu quando os olhos dele se abriram ligeiramente mais ao ver o meu sorriso.

— Uau, não há dúvida de que tem uma grande opinião de si próprio.

Ele devolveu o sorriso, com dentes brancos mas imperfeitos, e o sorriso torto causou-me uma pontada de sentimento pouco familiar no peito.

— Falo apenas pela minha experiência.

— Bom, eu não sou o tipo de rapariga que dá o número de telefone a um homem que acabou de conhecer.

— Ah! — Ele acenou como se tivesse chegado a alguma conclusão sobre mim. O sorriso desapareceu, as feições pareceram ficar tensas e fechar-se. — É uma daquelas mulheres que só fazem sexo depois do terceiro encontro e querem casar e ter bebês.

Fiz uma careta perante o julgamento precipitado.

— Não, não e não. — Casamento e bebês? Estremeci com a ideia e os medos que carregava nos ombros todos os dias desluzaram e apertaram-me demasiado o peito.

O Engravatado olhou para mim e o que viu no meu rosto fê-lo relaxar.

— Interessante — murmurou.

Não. Nada interessante. Eu não queria ser interessante para este tipo.

— Não lhe vou dar o meu número.

Ele sorriu de novo.

— Não o pedi. E, mesmo que o quisesse, não pediria. Tenho namorada.

Ignorei a pontada de desilusão no estômago — e, aparentemente, ignorei também o filtro entre o meu cérebro e a minha boca.

— Então pare de olhar para mim dessa maneira.

O Engravatado pareceu divertido.

— Tenho namorada, mas não sou cego. Lá porque não posso fazer nada, isso não significa que não posso olhar.

Eu não estava excitada pela atenção deste homem. *Sou uma mulher forte e independente.* Olhei pela janela e vi, aliviada, que estávamos em Queen Street Gardens. Dublin Street ficava ao virar da esquina.

— Aqui está bom, obrigada — disse eu ao taxista.

— Onde? — perguntou o taxista.

— Aqui mesmo — respondi, um pouco mais secamente do que tencionara. Soltei um suspiro de alívio quando o taxista ligou o pisca para encostar. Sem olhar para o Engravatado, nem lhe dirigir outra palavra, dei algum dinheiro ao taxista e pousei a mão na maçaneta da porta.

— Espere.

Parei e lancei um olhar desconfiado ao Engravatado, por cima do ombro.

— O que é?

— Tem nome?

Sorri, agora aliviada porque me ia ver livre dele e afastar-me da atração bizarra entre nós.

— Na verdade, tenho dois.

Saltei do táxi, ignorando o arrepio de prazer traiçoeiro que me percorreu ao ouvir a gargalhada dele.

♦♦♦♦

Assim que a porta se abriu e vi pela primeira vez Ellie Carmichael, soube que provavelmente ia gostar dela. Era uma loira alta e tinha um macacão curto elegante, um chapéu azul, um monóculo e um bigode falso.

Olhou para mim e piscou os olhos grandes e azuis-claros.

Espantada, perguntei:

— É má altura?

Ellie olhou para mim um momento, como se estivesse confusa pela minha pergunta, que era muito razoável, tendo em conta a sua indumentária. Como se lhe tivesse subitamente ocorrido que tinha na cara um bigode falso, apontou para ele.

— Chegaste cedo. Estava nas arrumações.

A arrumar um chapéu, um monóculo e um bigode? Olhei para trás dela, para o *hall* grande e arejado. Encostada à parede vi uma bicicleta sem a roda da frente; fotografias e postais e outros recortes sortidos estavam presos num quadro encostado a um roupeiro de nogueira. Dois pares de botas e um par de sapatos de salto alto pretos estavam espalhados ao acaso debaixo de uma fila de cabides cheios de casacos e blusões. Os soalhos eram de madeira.

*Muito bonito.* Olhei para Ellie com um grande sorriso no rosto, sentindo-me muito bem em relação a toda a situação.

— Andas a fugir da máfia?

— Desculpa?

— O disfarce.

— Oh! — Ela riu-se e recuou, indicando-me que entrasse.

— Não, não. Tive cá uns amigos ontem à noite e bebemos um bocadinho demais. Todas as minhas velhas máscaras de Halloween saíram do armário.

Sorri de novo. Parecia divertido. Tinha saudades de Rhian e James.

— És a Jocelyn, não és?

— Sim. Trata-me por Joss — disse-lhe. Desde a morte dos meus pais que ninguém me tratava por Jocelyn.

— Joss — repetiu ela, e sorriu-me enquanto dava os primeiros passos para dentro do apartamento térreo. Cheirava muito bem, um cheiro fresco e limpo.

Tal como o apartamento que eu ia deixar, este também era do estilo georgiano, mas fora em tempos uma casa só. Agora estava dividida em dois apartamentos. Bom, na verdade, a porta do lado era uma boutique e as divisões por cima de nós pertenciam à loja.